UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIENCIAS SOCIAISAPLICADAS- ICSA
FACULDADE DE ARQUIVOLOGIA

ELIZABETH FERREIRA DE MATOS

EDUCANDÁRIO EUNICE WEAVER (1942 a 1992): Uma abordagem histórico-arquivística a partir de fotografias e jornais microfilmados

Belém
2019

ELIZABETH FERREIRA DE MATOS

EDUCANDÁRIO EUNICE WEAVER (1942 a 1992): Uma abordagem histórico-arquivística a partir de fotografias e jornais microfilmados

Trabalho apresentado à banca examinadora da Universidade Federal do Pará como requisito para obtenção do titulo de bacharel em arquivologia.

Orientador: Prof.ª Dr.ª Iane Maria da Silva Batista.

Belém
2019

ELIZABETH FERREIRA DE MATOS

EDUCANDÁRIO EUNICE WEAVER (1942 a 1992): Uma abordagem histórico-arquivística a partir de fotografias e jornais microfilmados

Trabalho apresentado à banca examinadora da Universidade Federal do Pará como requisito para obtenção do titulo de bacharel em arquivologia.

Aprovada em: ____/_____/_____.

Banca Examinadora:

Prof. Dra. Iane Maria da Silva Batista.
Orientadora: UFPA

Prof. Dr. Roberto Lopes
Avaliador: UFPA

Prof. Dr. Gilberto Cândido
Avaliador: UFPA

Às crianças que viveram a realidade do educandário Eunice Weaver.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e minha família primeiramente.

À Universidade Federal do Pará(UFPA) pela oportunidade e suporte.

Aos amigos e colegas que me acompanharam nessa jornada.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é registrar a memória institucional do Educandário Eunice Weaver por meio de fotografias e jornais microfilmados, tornando – seassim um trabalho histórico – arquivisticoe ressaltando a importância de se organizar a memória institucional através dos arquivos mais diversos disponíveis. Realizou-se pesquisa bibliográfica, que buscou identificar livros, artigos, trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), dissertações de mestrado, teses de doutorado etc. que trouxessem subsídios teóricos e metodológicos ao estudo. Propomos a discussão da preservação das fotografias enquanto documentos arquivísticos, tratando essas fotografias segundo classificação temporal e cuidados físicos necessários, bem como a não dissociação de seu contexto histórico, para a preservação da memória institucional do educandário Eunice Weaver (Belém - PA). Esta instituição fez parte do processo de construção social e cultural do estado do Pará, sendo possível perceber aspectos do imaginário da época sobre infância e desdobramentos em políticas de saúde pública.

Palavras-chave: Educandário Eunice Weaver. Fotografias.Memoria.

ABSTRACT

The purpose of this work is to record the institutional memory of Educandário Eunice Weaver through photographs and microfilmed newspapers, emphasizing the importance of organizing and preserving the institutional memory through the most diverse archives available. A bibliographic research was carried out, which sought to identify books, articles, graduation papers, master's dissertations, doctoral theses, etc. that solved theoretical and methodological subsidies to the study. It proposes a discussion about the conservation of photographs as archived documents, treating these photographs according to temporal classification and physical care, as well as not dissociating their historical context, to preserve the institutional memory of the student Eunice Weaver (Belém - PA). This institution was part of the process of social and cultural construction of the state of Pará, and it is possible to perceive aspects of the imaginary of the time about childhood and developments in public health policies.

Keywords: Educandário Eunice Weaver. Photographs.Memory.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1- 1A – Educandário Eunice Weaver, 1945. Fonte: Pacheco (2010).1B – Escola estadual Eunice Weaver, 2017..... 10

Imagem 2- A comissão de profilaxia rural no Pará em 1921..... 23

Imagem 3- Capa do livro da campanha..... 24

Imagem 4- Anúncios de jornais..... 24

Imagem 5- Quadro com prestação de contas da Liga contra a Lepra do Pará dos recursos arrecadados..... 25

Imagem 6- Terreno que foi beneficiado para a construção do Educandário em novembro de 1939..... 25

Imagem 7- Terreno em 1939, que foi destinado para a construção do Educandário..... 26

Imagem 8- Local em que foi construído o pavilhão da administração em 08 de Abril de 1940..... 26

Imagem 9- Terreno destinado à construção do Educandário (Dezembro de 1939)..... 26

Imagem 10- Diretoria da Liga contra a Lepra e visitantes no espaço de construção do Educandário Eunice Weaver em Novembro de 1939..... 27

Imagem 11- Visita do Interventor Federal no Estado José C. da Gama Malcher ao início das obras de construção do Educandário em dezembro de 1939..... 28

Imagem 12- Interventor Federal Gama Malcher em visita ao local de construção do Educandário em dezembro de 1939..... 28

Imagem 13- Visita do prefeito de Belém Sr. Abelardo Condurú ao início das obras do Educandário em 07 de maio de 1940..... 29

Imagem 14- Grupo de Rotarianos visitando as obras em 25 de Janeiro de 1940..... 29

Imagem 15- Vista geral da Instituição..... 30

Imagem 16- Prédio central (administração) ligado ao fundo com o refeitório geral..... 30

Imagem 17- O pavilhão da Creche..... 30

Imagem 18- Matéria em jornal local sobre a inauguração do Educandário em Belém..... 31

Imagem 19- Eunice Weaver ao centro na fotografia na cerimônia de inauguração da instituição em Belém..... 31

Imagem 20- Interventor Federal José da Gama Malcher discursando diante do busto do Presidente Getúlio Vargas na cerimônia de inauguração do Educandário..... 32

Imagem 21- Cerimônia de inauguração em 12/02/1942..... 32

Imagem 22- Vista externa e interna da lavanderia..... 32

Imagem 23- Vista externa e interna do refeitório..... 33

Imagem 24- Espaço em que as crianças brincavam no Educandário..... 33

Imagem 25- Crianças do Educandário recebendo os ensinamentos religiosos, e visita de padres ao educandário..... 34

Imagem 26- Cerimônias na instituição..... 35

Imagem 27- Participação dos alunos nas cerimônias institucionais..... 36

Imagem 28- Registro de jornais que noticiavam as dificuldades da instituição para se manter 1989..... 37

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... 10

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: FOTOGRAFIA E MEMÓRIA..... 13

2.1 Fotografia como documento..... 16

3 HISTÓRIA E MEMÓRIA DO EDUCANDÁRIO EUNICE WEAVER POR MEIO DE FOTOGRAFIAS..... 22

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 38

REFERÊNCIAS..... 40

1 INTRODUÇÃO

No contexto da Arquivologia, acervos fotográficos assumem importante papel, pois a fotografia constitui um documento que traz em si a possibilidade de percepção das informações e relicário do recorte espaço e tempo nele contido. Nesta perspectiva ressaltamos o uso de documentos imagéticos, como a fotografia que surgiu no contexto da Revolução Industrial e se aperfeiçoou com o passar do tempo. Através das imagens fotográficas, se registra o passado para que este permaneça para a posteridade, conhecendo a historia e resgatando lembranças sobre pessoas, fatos e instituições, como no caso do Educandário Eunice Weaver(Imagem 1), nosso objeto de estudo.

Imagem 1 – 1A – Educandário Eunice Weaver, 1945. Fonte: Pacheco (2010).1B – Escola estadual Eunice Weaver, 2017.

Fonte: 1A Arquivo da Escola E. E.F. M. Eunice Weaver..1B – Escola estadual Eunice Weaver (2017). Google Maps (2019). 1C – Localização obtida via Google Maps.

O Educandário surgiu da ação de Eunice de Sousa Gabi Weaver que passou a se preocupar ainda jovem com pessoas contagiadas pela hanseníase em virtude de sua mãe ser portadora da doença. Sua vida foi totalmente dedicada aos portadores do mal de Hansen e suas famílias, surgindo assim a “Sociedade de Assistência aos Lázaros”,a célula que daria origem ao educandário que levaria o nome daquela sanitarista. A instituição tinha a missão de abrigar e educar os filhos de pessoas portadoras de hanseníase. O educandário localizava-se no atual bairro da Pratinha,

em Belém, onde hoje funciona a Escola Estadual de nível fundamental e médio Eunice Weaver, e esteve em atividade no período de 12 de fevereiro de 1942 a 1992.

Na atual era informacional, com os recentes avanços tecnológicos, é possível produzir e tratar informações por meio de operações eletrônicas e mecânicas. As tecnologias ampliaram a capacidade da sociedade de gerar, reunir, examinar e utilizar dados com os mais variados objetivos. Esses conjuntos de dados formam arquivos de fotografias, microfilmes, manuscritos, CDs, disquetes, entre outros, sendo que cada suporte necessita receber tratamento específico de acordo com as características do tipo físico do documento. O tratamento adequado a esses diferentes documentos é sistematizado no contexto da Arquivologia, ciência que preconiza técnicas e princípios a serem observados na construção, organização e utilização dos arquivos e institui parâmetros necessários para a análise dos documentos, visto que os arquivos devem atender as necessidades das instituições e disponibilizar as informações, de maneira eficiente, ao usuário.

Considerando a perspectiva arquivística, optamos pela fotografia, inclusive as contidas em jornaismicrofilmados, como base documental deste trabalho como forma de contextualizar o acervo arquivístico fotográfico do Educandário Eunice Weaver. Trabalhamos com o material (fotografias e jornais microfilmados), da decada de 45encontrados em acervos públicos hemeroteca do centur, atraves de visita realizada no dia 30 de agosto de 2019 e estes foram avaliados como fontes documentais produzidas a partir da intencionalidade funcional e, também como objetos materiais e culturais com capacidade de produzirem conhecimentos e subsidiarem uma memória institucional.

É importante salientar que as imagens no formato de fotografia que estão subsidiando a pesquisa, foram selecionadas a partir do arquivo da escola Eunice Weaver, de teses de doutorado, doações particulares de alunos, professores e diretores, fotos concedidas por freiras que atuaram no educandário etc. Além disto, selecionou-se recortes de jornais acessados na hemeroteca da Fundação Cultural do Estado do Pará (FCP) que funciona nas dependências da Biblioteca Pública Arthur Vianna (BPAV). Na hemeroteca há disponíveis 285 títulos de exemplares de jornais Folhado Norte, entre físicos e microfilmes, cuja preservação é essencial para memória coletiva do Estado do Pará.

O interesse por este tema surgiu devido à participação da autora no Projeto de Extensão “Documento História e Memória: Educação Patrimonial em Arquivos” desenvolvido por professores e alunos do curso de Arquivologia da Universidade Federal do Pará. Parte do projeto foi desenvolvida na escola Eunice Weaver no bairro da Pratinha, na cidade de Belém, por meio de rodas de conversas, palestras, oficinas e exposição de documentos. O foco do Projeto de Extensão é a educação patrimonial como meio de valorização dos arquivos públicos, trazendo ao debate, a importância não só cultural, mas também dos processos de análise dos documentos neles contidos. Ao se propor fazer uma contextualização histórica do educandário Eunice Weaver através de documentos fotográficos, o trabalho se justifica por proporcionar a recuperação da memória institucional deste espaço, bem como pela análise e contextualização que sejam produtos do mesmo.

Os procedimentos metodológicos norteadores da pesquisa realizada e que fundamentaram este trabalho foram desenvolvidos em etapas distintas.Na primeira etapa, realizou-se uma pesquisa bibliográfica com o objetivo de identificar livros, artigos, trabalhos de conclusão de curso (TCC), dissertações de mestrado, teses de doutorado etc. que subsidiassem teórica e metodologicamente o estudo. Segundo Gil (2002), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos, tendo como base a análise de materiais já publicados (FONTENELLE, 2009). Num segundo momento, levantamos documentos, textos, mapas, fotos, manuscritos inclusive de material disponibilizado na internet, o que caracteriza a pesquisa também como documental. Esta se assemelha à pesquisa bibliográfica, que utiliza a contribuição fornecida por diversos autores sobre um determinado assunto, enquanto na documental, a busca por informações é feita em materiais que não receberam um processo de análise crítica. (FONTENELLE, 2009).

Por último, realizou-se a análise do material coletado de acordo com os fundamentos teóricos construídos ao longo do trabalho, com o objetivo de registrar a memória institucional do Educandário Eunice Weaver por meio de fotografias e jornais microfilmados, ressaltando a importância de se organizar e preservar a memória institucional através dos arquivos mais diversos disponíveis.

As visitas se deram no centur na hemeroteca nos jornais microfilmados da década de 45 Folha do do Norte, no dia 30 de agosto de 2019 e materiais da internet.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: FOTOGRAFIAE MEMÓRIA

A palavra fotografia tem origem no idioma grego e significa escrever com a luz. Segundo Rodrigues (2007), foto remete, etimologicamente, à luz e grafia, à escrita. Nesse sentido, o significado da própria palavra já a caracteriza como documento, que segundo Manini (2002), um documento é a concretização de toda informação registrada (e útil, para ser guardada), independente de qual seja o suporte desta informação, passível de transmitir conhecimento. A fotografia registra um momento, um instante do passado, do presente de nossas vidas, na construção da história, da cultura, da educação e de uma sociedade.

Por muito tempo o homem atendendo sua necessidade de registrar um movimento, uma passagem, utilizou uma câmera obscura. Com a invenção da fotografia, a figura dos objetos passou a ser reproduzida pela ação da luz “sob determinada superfície sensibilizada quimicamente” (KOSSOY, 2001, p. 35). O artista ao tirar uma fotografia é quem comanda o processo de criação com objetivo de registrar um fragmento do real. O ato em que se congela aquele pedaço do cenário passado e registrado pela escrita da imagem permanecerá para sempre sem antes, nem depois.

Em 1825, ocorreu a primeira obtenção de imagem através das experiências de Nicéphore Niépce, posteriormente, com os avanços tecnológicos dos séculos XIX e XX e as transformações nos processos fotográficos, houve a invenção do processo negativo/positivo, a introdução da gelatina como aglutinante, a primeira fotografia em cores, o surgimento do celulóide, da câmera fotográfica e do cinema, o flash, o formato 35 mm, o desenvolvimento da foto colorida, do cinema e das películas, a câmera automática (Polaroid) e a invenção da fotografia digital. Assim, a fotografia assumiu diversas funções sociais ao longo do tempo. (MANINI, 2008).

Do processo que abrange a análise do objeto à obtenção de imagem, ocorre uma compactação de informações: de proporção, de perspectiva e de cor. Não especificamente uma redução matemática, no processo que leva do real à fotografia, não se faz necessário a fragmentação ou redução das informações dispostas. Entre o objeto e sua imagem não há um código de representação, apesar da imagem não ser o real, ela é pelo menos uma representação analógica do recorte visual, que para o senso comum, define a fotografia. Surge assim um conceito de imagem fotográfica que a representa como uma mensagem sem código, proposição que nos

deixa a seguinte percepção: a mensagem fotográfica é uma mensagem contínua. (BARTHES, 1990).

Porém todo signo é arbitrário e, dessa maneira, a relação entre o significante e o significado também o são, o que atribui à linguagem fotográfica um código e, assim, um signo, um significante e um significado. Assim como as outras tipologias documentais as fotos sofrem ressignificações, pois cada indivíduo interpreta as imagens de acordo como recorda as informações, surgindo então diversos conceitos sobre o mesmo documento. (BARTHES, 1990).

Toda imagem tem um suporte e uma técnica e isso determina o seu significado. Ela é representativa, é referencial, estética, artística, sintética, emotiva, objetiva e subjetiva. Além disso, a fotografia é real, documenta, traz em si um processo de percepção para a retirada das informações.

Os elementos essenciais que compõem a ação de produção da imagem segundo Kossoy (2001), são o homem, a técnica e o tema. E, as inúmeras atividades e manifestações do homem, ações sofridas e praticadas por ele, são responsáveis pelo essencial fotográfico que o olhar de um fotógrafo por alguma razão qualquer resolveu registrar.

Quanto aos elementos fundamentais que resume o ato de fotografar, de acordo com Kossoy (2001) são o assunto ou tema escolhido; o fotógrafo agente e personagem do processo; a tecnologia que compreende os materiais, equipamentos e técnicas utilizados para fazer a fotografia; o espaço, local onde se deu o registro e o tempo espaço cronológico, momento exato do fato registrado sendo que o produto final se chama fotografia.

Nesse sentido, a fotografia traz um enunciado, ela é narrativa, podemos analisar e representar o seu conteúdo informacional, independentemente do tipo, da finalidade e da forma de produção da fotografia. Podemos perceber nela, a construção da história, da cultura, da educação e de uma sociedade através da mensagem que conta..

Os documentos independentes do suporte contêm informações, precisam ser preservados e, logo que o ser humano compreendeu a importância do valor desses registros começou a guardar preservar e conservar informações que originaram os arquivos.

A ação de contemplar fotografias legitima a passagem do tempo, nos faz "viajar" em fatos passados, rememorando instantes e recordando emoções.

Segundo De Azevedo Neto (2007, p. 3) “[...] a memória está representada em suporte informacionais distintos”.Logo a fotografia se qualifica como fonte de informação, um documento utilizado pelo homem para guardar sua memória. Esta memória composta por imagens é considerada como propriedade de conservar lembranças de fatos passados e dizem respeito a um determinado assunto, pessoa ou instituição.

A memória assume papel fundamental para o futuro, quando no presente, para respaldar atos e decisões, nos valemos de fatos passados. As lembranças não param no tempo, se movimentam através de suportes e ambientes, entrando em contato com o indivíduo.

Segundo Pollak (1992) a memória é a faculdade que acondiciona informações de personalidade ligadas ao individual e ao coletivo e ao entrar em contato com esses elementos as lembranças voltam à realidade e são classificadas como: a) acontecimentos vividos pessoalmente que são fatos em que o individuo participa diretamente, como por exemplo de danças ou do nascimento de um filho; b) acontecimentos vividos por tabela, os quais englobam acontecimentos que talvez o individuo não tenha participado efetivamente mas que o mesmo tem um significado para ele, como manifestações contra o governo; c) pessoas e personagens, remetendo a pessoas que vivenciaram os fatos rememorados pelos indivíduos e; d) lugares da memória, nos quais os fatos ocorrem, como universidade, hospital etc. Esses conjuntos de elementos formam a memória.

Desse modo, a memória é formada pelas experiências que vivemos e, que estão diretamente relacionadas ao passado. Assim, a memória passa ser o arquivo de tudo aquilo que um dia foi vivenciado ou descoberto. Através da memória o indivíduo constrói a sua identidade, resgatando os valores e princípios conservados pela sociedade em que vive.

A memória institucional, segundo Santos (2014), é formada pela guarda dos mais variados documentos da instituição e eles refletem o conjunto de suas atividades, sua trajetória e sua história. Tem seus estudos nas áreas de Ciência da Informação, Administração, Arquivologia, Educação e Comunicação. Está ligada a memória social porque o conhecimento dos registros, dos fatos e pessoas são importantes para a reconstrução de sua trajetória perante a sociedade. Sob este assunto Costa (1997, p. 145), salienta que:

> [...] a memória é um elemento primordial no funcionamento das instituições. É através da memória que as instituições se reproduzem no seio da sociedade, retendo apenas as informações que interessam ao seu funcionamento. Há um processo seletivo que se desenvolve segundo regras instituídas e que variam de instituição para instituição. Tendo em vista que as instituições funcionam em rede no campo social, o limite de uma instituição é outra instituição.

Por meio da memória institucional se toma conhecimento das práticas da instituição. Isso fortalece a sua identidade, tornando-a capaz de gerar conhecimento e regras de convivência.

Segundo Oliveira (2012, p. 49), “essas convivências, formalizadas ou não, formam o conjunto de experiências e de práticas que por sua vez, formam a memória da instituição”.A memória é o modo como a instituição se apresenta à sociedade que pertence e como se relaciona com seu público.

Desse modo, Molina e Santos (2014, p. 11) relatam que “a Memória institucional […] é reconhecida por muitos devido ao seu potencial de agregar valor aos negócios, aos relacionamentos e à reputação das instituições”. Sendo assim, a maior preocupação das instituições hoje é a preservação da memória porque através dela se constitui sua identidade e sua imagem social. Os documentos arquivísticos, inclusive as fotografias, são dispositivos da memória institucional porque têm uma forte influência na tomada de decisões. Contribuem na formação e/ou preservação da memória de um modo que resgata o passado favorecendo o presente e colabora para a formação do futuro.

2.1 Fotografiacomo documento

Ao olharmos uma fotografia percebemos uma trajetória, o momento passado, a história em si captada pela vontade de alguém ou pela intenção de registro de um tema real. O ato de registrar um cenário, uma pessoa, uma paisagem através da fotografia consiste na materialização fotográfica, uma sequência de transformações e caminhos percorridos contidas na imagem que será envelhecida pelo tempo.

Os arquivos de fotografias representam uma fonte histórica enquanto documento, visto que os elementos e técnicas utilizados para fazer uma fotografia compõem o objeto físico e a imagem que lhe torna individuais, formando um todo indissociável. O objeto-imagem são fonte de estudos em áreas específicas nas

artes e as ciências como também para os demais historiadores e, representarão sempre um meio de informação, de conhecimento, incluindo sempre seu valor documental.

Com o avanço científico e tecnológico ocorrido a partir do século XIX a Ciência da Informação se lança a estudar a evolução e o aperfeiçoamento das técnicas de registro e análise dos documentos tendo por finalidade coligir, armazenar, classificar, selecionar e disseminar toda informação, visto que a essência da documentação deixou de ser o documento para ser a informação, de acordo com Paes (2006). Assim, podemos tratar a fotografia como documento por transmitir uma informação registrada de forma digital ou analógica.

A fotografia, enquanto documento, assume papel definido como um construtor de informações que merece atenção especial e um método adequado para realização de uma análise documental que possibilite uma representatividade adequada de seu conteúdo e recuperação das informações de forma eficaz. (BOCCATO, FUJITA, 2006).

Segundo Manini (2002), o documento é a concretização de toda informação registrada, independente do suporte desta informação, passível de transmitir conhecimento. É o testemunho da realização da atividade humana. E para cada um dos mais diversos tipos de fotografia pode se considerar um documento, dependendo da circunstância, mas claramente terá uma representatividade de documento pessoal, particular, de interesse restrito ao fotografado.

De acordo com Manini (2008), a fotografia só se torna um documento de uso geral, de interesse público coletivo e de importância histórica e ou cultural quando inserida num arquivo: importará sua origem ou proveniência, a finalidade de sua criação ou produção, e será tratada segundo um agrupamento sistemático respeitando a organicidade do fundo a que pertence.

Assim, levando em consideração o processo de evolução das técnicas fotográficas, ao longo do século XIX e XX, pode-se inferir que ela começou a fazer parte de acervos somente no século XX, neste período houve sua consolidação como forma de registro e também o surgimento da importância do objeto em si como documento: uma imagem fotográfica traz uma informação de conteúdo e também vários dados sobre a forma de produção da imagem. (MANINI, 2008).

> Os arquivos audiovisuais não tiveram um começo formal. Emergiram de fontes difusas, em parte sob os auspícios de uma larga variedade de instituições de recolha, instituições acadêmicas e outras, como uma extensão natural do seu trabalho. Desenvolveram-se em paralelo, com algum atraso, ao crescimento em popularidade e alcance dos próprios documentos audiovisuais. [...] Desde os anos 30 em diante, ganharam uma identidade mais visível estabelecendo federações internacionais para representar os respectivos media. Também, progressivamente foram reconhecidos pelas federações internacionais de arquivos e bibliotecas em geral. (EDMONDSON, 2001, p. 25).

Considerando o processo recente de assimilação da fotografia e recortes de jornais como documentos que compõem um arquivo, é preferível e necessário que esta seja tratada, sob determinado aspecto, como um documento igual aos demais: deve compor arranjos, ser descrita, ser classificada, ter seu lugar nos instrumentos de pesquisa e se tornar possível de ser recuperada e acessada.

Quando em um arquivo elaborado para refletir e desempenhar de maneira orgânica atividades pré-estabelecidas pelos processos de trabalho, tais documentos devem apresentar características e elementos constituintes específicos desse tipo de documento, bem como atender requisitos para que possamos compreender sua utilização e inserção nos procedimentos de organização documental.

De acordo com Bellotto (2002), os documentos de arquivo apresentam-se sob a forma material de espécies documentais, e podem ser organizados em tipos documentais. Assim, por exemplo, todos os tipos documentais produzidos por uma entidade que atua em determinadas atividades irão refletir e comprovar essas atividades.

Segundo Santana (2019), as características próprias de seu processo de elaboração (da pré à pós-produção), compreensão e produto final (documento) devem ser conhecidas e discutidas pelos arquivistas, visando o entendimento da escolha desse gênero de documento para registrar as atividades institucionais. Caso não haja o entendimento dos motivos de uso desse gênero, dessa linguagem, não ocorrerá sua inserção na natureza orgânica do processo documental. São esses procedimentos arquivísticos que vão distribuir estes documentos, levando em consideração suas funções e/ou estruturas, assim como sua temporalidade documental.

O documento visual detém especificidades diferentes dos documentos textuais. Conceber uma fórmula documental para eles é uma tarefa que demanda muito empenho e conhecimento detalhado da sua produção e intencionalidade.

Pensar esse documento juntamente com essa questão de espécies e tipos documentais é um processo trabalhoso. (SANTANA, 2019).

É necessário que se estabeleça formas, para classificar esses documentos nos arquivos administrativos, enquanto documentos que desempenham um papel na atividade final do órgão. Porém, precisamos de fato entender seu desenvolvimento e estabelecimento como um documento relevante e significativo para arquivos institucionais. As vezes as fotos se perdem em meios a outros suportes. Por isso o IBGE(Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) foi na decada de 45 muito importante para instituiçoes como o educadario Eunice Waver.

Segundo Felipe, Pinho (2019) o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) possui um amplo acervo fotográfico que remonta sua história. Esse acervo foi criado devido às diversas expedições realizadas pelo instituto Brasil afora, a fim de conhecer e analisar a ocupação territorial e os sistemas urbanos do país.

As fotografias passaram a ser parte desses estudos e se tornaram documentos fundamentais na trajetória do IBGE. Num primeiro momento as fotografias serviram para documentar a caracterização das regiões estudadas. Na década de 1940 se percebeu a importância de se criar um acervo com as fotografias, visto que cada região estudada possui uma característica diferente da outra.

Abrantes (2006, p. 2) afirma que “no sentido de trazer à luz informações essenciais para a memória institucional do IBGE, faz-se necessário enfocar as condições de produção do arquivo fotográfico dessa instituição”. Percebendo a importância de sua história, o IBGE possui uma equipe de memória institucional, sob a qual está à responsabilidade pelas fotografias das primeiras expedições e por outras que constituem a trajetória da instituição.

Na produção da memória institucional, deve-se atentar para a contextualização das fotografias em relação à instituição e o processo que deseja documentar. Quais fotos foram produzidas pela instituição, se estas têm realmente ligação com a memória, em que momento foram produzidas, qual o acontecimento da trajetória da instituição foi retratado.

Mesmo assim, perceber a natureza da formação documental que estamos a tratar e investigar o contexto de sua produção não é tarefa fácil e não se baseia simplesmente na busca de identificação dos conteúdos das imagens ou do conhecimento da proveniência da documentação.

Fazer opção por uma metodologia que busque o conhecimento dos dados contextuais das fotografias nos arquivos e coleções perpassa pelas dificuldades que esses materiais apresentam: ao contrário de muitos documentos textuais característicos do universo dos arquivos, as imagens fotográficas normalmente não apresentam dados desse tipo na forma como se constituem documentalmente. (SARAIVA;PEREIRA; LOPES, 2017).

SegundoSaraiva, Pereira e Lopes (2017) a análise da imagem fotográfica desperta sensações que é termo sinônimo de percepção, do latim perceptivo, ato de perceber, ação de formar mentalmente representações sobre objetos externos a partir dos dados sensoriais.

Por tudo isso a falta de definição de políticas de gestão dos documentos arquivísticos nas organizações públicas favorece iniciativas isoladas de organização desses acervos fotográficos. Estas intervenções, mesmo que bem-intencionadas, costumam ser direcionadas para a valorização das imagens como representativas da realidade e registros da memória institucional.

Quando reconhecidos e tratados como documentos de administrativos/textuais, os documentos fotográficos estão ligados ao contexto e se diferenciam dos demais pelas características específicas dos documentos de administrativos/textuais habituais. Entre elas, a organicidade, que é a qualidade segundo a qual os arquivos espelham a estrutura, as funções e as atividades da entidade produtora/acumuladora, em suas relações internas e externas.

Essas relações não são evidentes, portanto, se supõe que a leitura de imagens traz a tona sensações e conceitos que remetem a aspectos contraditórios, envolvendo experiências pessoais e sociais. As imagens não registram os motivos de produção das fotografias, por isso Lopez (2005, p. 74) ressalta que:

> [...] as características de registro de uma determinada forma de expressão sociocultural e de registro administrativo são indissociadas, porém a compreensão da primeira só é possível como uma atividade posterior à contextualização do documento dentro do contexto que levou a sua produção.

Assim, para tratar a memória social e aproximar a sociedade dos conteúdos informacionais de origem pública é necessário tornar a instituição conhecida do público, mostrar as formas de acesso e ainda evidenciar os benefícios dos seus serviços e produtos, bem como manter esses serviços e produtos atraentes aos diferentes públicos. Mediante a isso cabe aos responsáveis por esses arquivos, a definição de políticas de difusão que teriam duas vertentes de ação: uma que lança elementos de dentro do arquivo para fora, com o objetivo de atingir um campo de abrangência cada vez mais amplo, e outra que oferecer atrativos no recinto do arquivo, de modo a favorecer o retorno dessa mesma política. (LOPES, 2017).

3 HISTÓRIA E MEMÓRIA DO EDUCANDÁRIO EUNICE WEAVER POR MEIO DE FOTOGRAFIAS

A hanseníase, antes conhecida como lepra,está incluída em temáticas que envolvem a exclusão social e merece destaque e atenção, por ter acionado por meio do saber médico o isolamento institucional dos doentes e de seus filhos, como a principal medida profilática de controle e prevenção da doença, orientando a organização social e espacial do Brasil, com a criação das instituições de isolamento como os Leprosários para crianças e adultos hansenianos e os Educandários para crianças filhas de hansenianos que não possuíam hanseníase.

> No Brasil, a proteção dos filhos de hansenianos aparece como medida oficial no regulamento do DNSP de 1923. No referido regulamento, o Capítulo II, ao tratar da profilaxia especial de lepra, aponta no art.148, referente aos estabelecimentos de leprosos, que as crianças deveriam ser transportadas logo após o seu nascimento para a área das pessoas sãs do estabelecimento e nenhuma criança poderia ser amamentada por sua mãe se estas fossem leprosas e, poderiam ser retiradas para outros lugares longe dos pais, em asilos especiais. O mesmo regulamento, nos artigos 161 e 164, ao tratarem do isolamento em domicílio, também determinam o afastamento do doente, das crianças que residissem ou permanecessem no domicílio, e a proibição de amamentação da criança pela mãe leprosa, respectivamente. Tais medidas acompanhavam as orientações internacionais sobre as ações profiláticas de controle da doença. (PACHECO, 2017, p. 104).

Ainda de acordo com Pacheco (2017), a prática de isolamento em asilos e hospitais de pessoas com doenças infectocontagiosas, era adotada desde o século XIX, e a forte presença e influência de médicos na política e no exercício de cargos públicos no início do século XX, favorecia e reforçava esse tipo de ação para o controle de endemias como a hanseníase, para proteção e higiene da população e limpeza da cidade. Prática que se refletia de mesmo modo no estado do Pará.A comissão sanitária federal foi incumbida de organizar e dirigir os serviços sanitários do Estado.

Imagem 2 - A comissão de profilaxia rural no Pará em 1921**.**

Fonte: História da Lepra no Brasil. (v. 2). Álbum das organizações antileprosas. Período Republicano (1889-1946). Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1948.

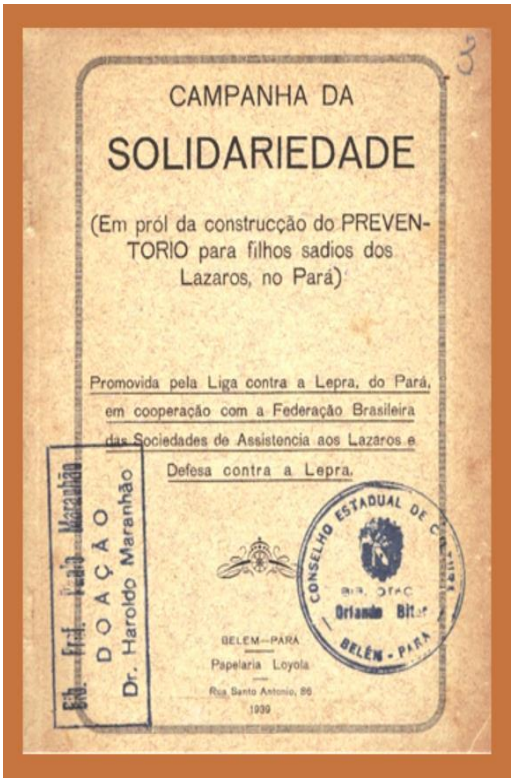
A criança filha de hansenianos foi vista como um perigo social, como uma ameaça à população, por isso deveria ser isolada para retirar do meio social qualquer ameaça que perturbasse a ordem e a saúde da população no século 19 para20.

Em Belém, num movimento de uma sociedade em transformação, a preocupação com as doenças e com os problemas sociais trazidos pela nova ordem econômica capitalista, suscitou a criação de instituições que abrigassem indigentes, crianças abandonadas, pessoas acometidas por doenças contagiosas e todos os considerados perigosos que poderiam ameaçar o projeto de modernização e embelezamento da cidade. Essas crianças, inicialmente, foram isoladas no Asilo Infantil Santa Terezinha na década de 1930, criado com a finalidade de acolher as crianças que não tinham hanseníase e, posteriormente, no Educandário Eunice Weaver na década de 1940, espaço que foi construído com o empenho conjunto de médicos, de representantes da elite paraense, de representantes da classe média, de políticos e instituições filantrópicas e religiosas. (PACHECO, 2017).

O Educandário foi criado para atender uma política pública sanitarista compulsória que preconizava o isolamento de um público de crianças específico – as filhas de hansenianos. Tal especificidade orientou a estrutura e funcionamento institucional pensada para esse grupo de crianças.

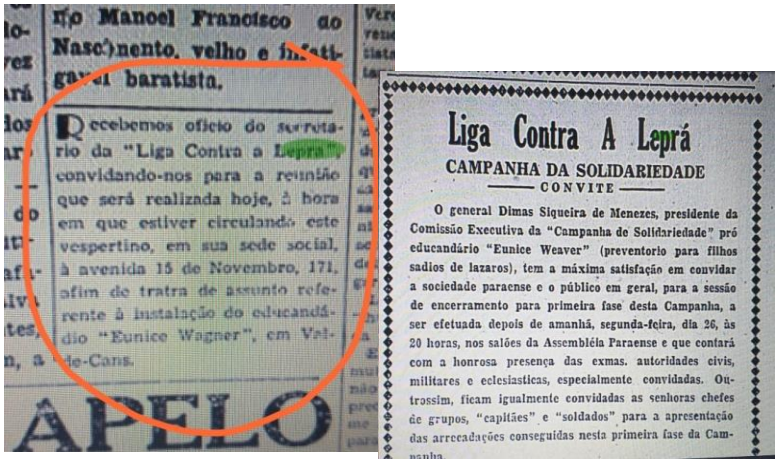
Abaixo apresentamos a capa do livro da campanha que trazia justificativas e argumentos médicos e filantrópicos para justificar e garantir a construção dos educandários, anúncios de jornal e o quadro com prestação de contas da Liga contra a Lepra do Pará dos recursos arrecadados na campanha realizada em 1939.

Imagem 3 – Capa do livro da campanha.


CAMPANHA DA
SOLIDARIEDADE
(Em pról da construcção do PREVENTORIO para filhos sadios dos Lazaros, no Pará)
Promovida pela Liga contra a Lepra, do Pará, em cooperação com a Federação Brasileira das Sociedades de Assistencia aos Lazaros e Defesa contra a Lepra.
BELEM—PARÁ
Papelaria Loyola
Rua Santo Antonio, 86
1939

Fonte: Arquivo da Escola E. E.F. M. Eunice Weaver.

Imagem4 -Anúncios de jornais.


Liga Contra A Leprá
CAMPANHA DA SOLIDARIEDADE
CONVITE
O general Dimas Siqueira de Menezes, presidente da Comissão Executiva da "Campanha de Solidariedade" pró educandário "Eunice Weaver" (preventorio para filhos sadios de lazaros), tem a máxima satisfação em convidar a sociedade paraense e o público em geral, para a sessão de encerramento para primeira fase desta Campanha, a ser efetuada depois de amanhã, segunda-feira, dia 26, às 20 horas, nos salões da Assembléia Paraense e que contará com a honrosa presença das exmas. autoridades civis, militares e eclesiasticas, especialmente convidadas. Outrossim, ficam igualmente convidadas as senhoras chefes de grupos, "capitães" e "soldados" para a apresentação das arrecadações conseguidas nesta primeira fase da Campanha.

Fonte: Hemeroteca CENTUR.

Imagem 5 – Quadro com prestação de contas da Liga contra a Lepra do Pará dos recursos arrecadados.

Fonte: Arquivo da Escola E. E.F. M. Eunice Weaver.

A estrutura, a localização e organização dos Educandários eram aspectos bastante discutidos nas conferências nacionais de assistência social aos leprosos e nas reuniões técnicas de leprologistas.

Podemos visualizar que o local em que foi construído o Educandário era bastante isolado, seguindo as recomendações médico-sanitárias. As imagens demonstram não haver residências próximas ao terreno antes do início das obras em 1939.

Imagem 6 - Terreno que foi beneficiado para a construção do Educandário em novembro de 1939.

Fonte: Arquivo da Escola. E. E. F. M. Eunice Weaver.

Imagem 7 -Terreno em 1939, que foi destinado para a construção do Educandário.

Fonte: Arquivo da Escola. E. E. F. M. Eunice Weaver.

Imagem 8 - Local em que foi construído o pavilhão da administração em 08 de Abril de 1940.

Fonte: Arquivo da Escola. E. E. F. M. Eunice Weaver.

Imagem 9 - Terreno destinado à construção do Educandário (Dezembro de 1939).

Fonte: Arquivo da Escola. E. E. F. M. Eunice Weaver.

As obras de construção do Educandário Eunice Weaver foram iniciadas de fato em dezembro de 1939, com o empenho e a articulação do governo do Estado, da Liga contra a Lepra do Pará com seus representantes da classe médica e política e, também, com os seus representantes das instâncias particulares.

Em Belém do Pará, a instituição foi construída no bairro da Pratinha, na Rodovia Arthur Bernardes, próximo ao aeroporto de Val de Cans, a 10 km do centro urbano da capital, local considerado distante no período de sua construção. O empenho e a articulação dos setores públicos e privados na construção da instituição e a estrutura pavilhonar que predominou na arquitetura institucional revelam uma preocupação com a infância que esteve para além da prevenção da doença. A estrutura institucional que foi utilizada como um quartel militar do exército durante a segunda guerra mundial indica que as crianças deveriam ficar aprisionadas pela ameaça social que representavam.

O Educandário Eunice Weaver foi construído num espaço de extensão grandiosa, com uma área com 400m de frente e 5.000m de fundo, ou seja, uma área de 200 hectares de terra, que permitiu a construção de um local autorizado legal e, culturalmente, para isolar crianças que não possuíam hanseníase.

As imagens abaixo destacam o apoio político que a obra de construção do Educandário recebia do Governo Federal e das administrações estadual e municipal. O envolvimento, empenho e acompanhamento das obras era feito com a presença da Liga contra a lepra do Pará - entidade que tinha muitos médicos em seu quadro administrativo. Destacamos a intenção em demonstrar a presença das autoridades no acompanhamento das obras.

Imagem 10 – Diretoria da Liga contra a Lepra e visitantes no espaço de construção do Educandário Eunice Weaver em Novembro de 1939.

Fonte: Arquivo da Escola Estadual de E.F.M. Eunice Weaver

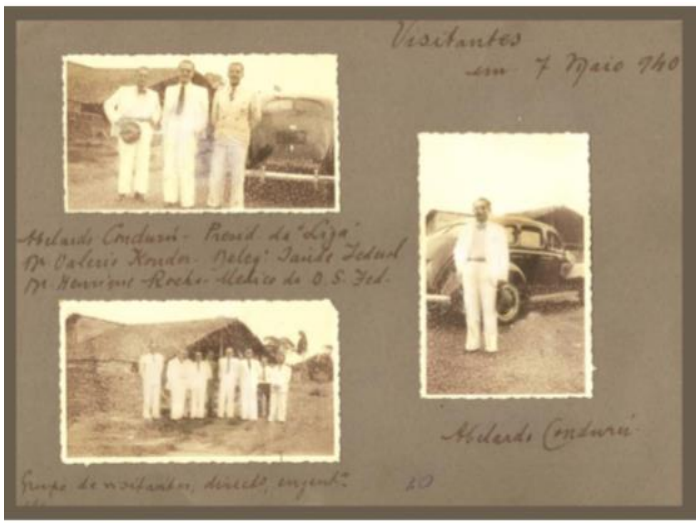
Imagem 11 - Visita do Interventor Federal no Estado José C. da Gama Malcher ao início das obras de construção do Educandário em dezembro de 1939.

Fonte: Arquivo da Escola Estadual de E.F.M. Eunice Weaver.

Imagem 12 - Interventor Federal Gama Malcher em visita ao local de construção do Educandário em dezembro de 1939.

Fonte: Arquivo da Escola Estadual de E.F.M. Eunice Weaver

Imagem 13– Visita do prefeito de Belém Sr. Abelardo Condurú ao início das obras do Educandário em 07 de maio de 1940.



Fonte: Arquivo da Escola Estadual E.F.M. Eunice Weaver

Imagem 14 - Grupo de Rotarianos visitando as obras em 25 de Janeiro de 1940.

Fonte: Arquivo da Escola Estadual de E. F. M. Eunice Weaver.

Como o atendimento abrangia de recém - nascidos até a idade adulta, a estrutura e organização institucional foi pensada para abrigar os internos em todas as idades, com espaços específicos para cada grupo de crianças, tais como: creche, que acolhia as crianças de 0 até os 04-05 anos de idade, e os pavilhões que acolhiam as crianças a partir dos 05 - 06 anos.

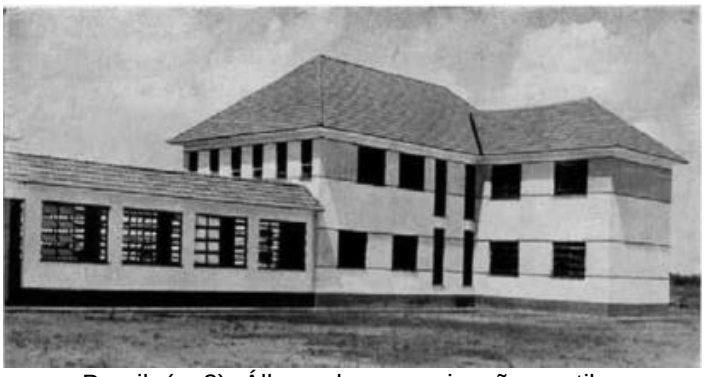
Imagem 15 – Vista geral da Instituição,

Fonte: Revista da Semana (23 nov.1940).

Imagem 16 - Prédio central (administração) ligado ao fundo com o refeitório geral.

Fonte: História da Lepra no Brasil. (v. 2). Álbum das organizações antileprosas. Período Republicano (1889 - 1946). Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1948.

Imagem 17 - O pavilhão da Creche.



Fonte: História da Lepra no Brasil. (v. 2). Álbum das organizações antileprosas. Período Republicano (1889 - 1946). Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1948.

As imagens selecionadas retratam um espaço amplo, com uma fachada monumental, simbolizando o poder e a suntuosidade que representou o Educandário Eunice Weaver e seus idealizadores. Segundo Pacheco (2017), aspectos como a beleza, grande extensão, frutas, árvores, e a impossibilidade de conhecer o mundo externo, se misturam nas lembranças dos ex-internos. Com uma estrutura arquitetônica com evidentes barreiras físicas de acesso e contato com a realidade exterior, a edificação desse espaço seguia um modelo arquitetônico que primava

pela vigilância e controle dos corpos. À frente, o prédio da administração central possuía dois corredores laterais que davam acesso aos dormitórios femininos e masculinos e, um corredor central que dava acesso ao refeitório. O refeitório ficava no centro da estrutura arquitetônica, com corredores laterais que davam acesso aos dormitórios e, um corredor frontal que dava acesso ao prédio administrativo.

O Educandário foi inaugurado no dia 12 de fevereiro de 1942. Uma matéria de um jornal local detalhou a cerimônia de inauguração, destacando a presença de autoridades políticas, filantrópicas e religiosas. Nomes como o do interventor federal no Estado, José C. da Gama Malcher, do prefeito de Belém, Abelardo Condurú, da presidente da FSAL-DCL, Eunice Weaver, do presidente da Liga contra a Lepra do Pará, J. A. Pereira Leal, e de representantes da igreja católica e do governo federal, foram mencionados, demonstrando a força política e social que a criação do Educandário representava.

Imagem 18– Matéria em jornal local sobre a inauguração do Educandário em Belém.

FOLHA VESPERTINA

INAUGURADO O PREVENTóRIO «EUNICE WEAVER»

Como Decorreu A Brilhante Solenidade— Em Seus Edifícios

Serão Aquarteladas Tropas Militares

Fonte: História da Lepra no Brasil. (v. 2). Álbum das organizações antileprosas. Período Republicano (18891946). Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1948.

A imagem abaixo ilustra a apresentação da sanitarista Eunice Weaver na inauguração do educandário homônimo.

Imagem 19- Eunice Weaver ao centro na fotografia na cerimônia de inauguração da instituição em Belém.

Fonte: História da Lepra no Brasil. (v. 2). Álbum das organizações antileprosas. Período Republicano (18891946). Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1948.

Eunice Weaver dedicou sua vida totalmente aos cuidados de portadores de Hanseníase e de sua mãe que também sofria desta doença, o mérito de seu trabalho levou ao seu reconhecimento.

I**magem20**- Interventor Federal José da Gama Malcher discursando diante do busto do Presidente Getúlio Vargas na cerimônia de inauguração do Educandário.

Fonte: História da Lepra no Brasil. (v. 2). Álbum das organizações antileprosas. Período Republicano (18891946). Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1948.

Imagem 21 - Cerimônia de inauguração em 12/02/1942.

Fonte: História da Lepra no Brasil. (v. 2). Álbum das organizações antileprosas. Período Republicano (18891946). Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1948.

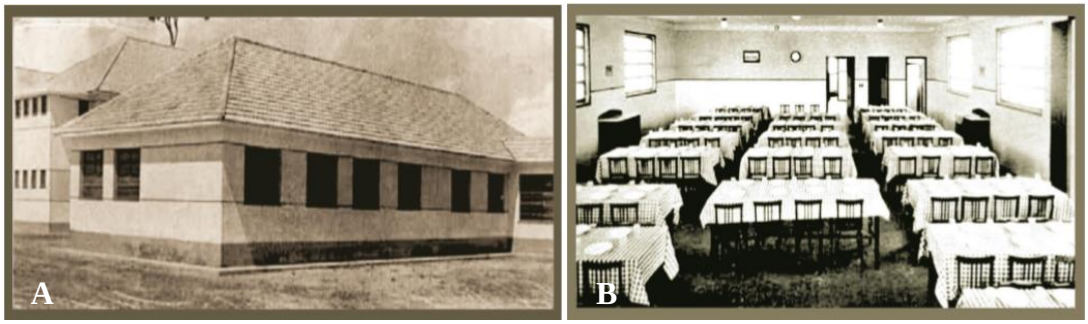
Imagem 22– Vista externa e interna da lavanderia.

Fonte: Arquivo da Escola. E. E. F. M. Eunice Weaver. História da Lepra no Brasil. (v. 2). Álbum das organizações antileprosas. Período Republicano (18891946). Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1948.

Como instituição total, em que dimensões da vida como a escola, o trabalho e a moradia estão reunidas num mesmo espaço para atender os objetivos institucionais, sua organização e funcionamento esteve voltada para o movimento coletivo das crianças, possibilitando que estas fossem supervisionadas por uma equipe de pessoal com a finalidade central de exercerem a vigilância para que todos

fizessem aquilo que lhes era exigido no tempo estipulado. Existe uma divisão básica nesses espaços constituída por controladores e controlados, cuja característica central da atividade dos controladores é a vigilância e não a orientação daqueles que são controlados.

Imagem 23- Vista externa e interna do refeitório.



Fonte: História da Lepra no Brasil. (v. 2). Álbum das organizações antileprosas. Período Republicano (18891946). Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1948.

Edificar um espaço destinado às crianças nos moldes de um campo militar nos remete à ideia de salvação e proteção da sociedade de uma infância considerada inferior e perigosa. A internação das crianças era vista como um aspecto fundamental para o controle da hanseníase e significava a salvação do contágio da doença, além da garantia do futuro das crianças como seres úteis e produtivos. Nesse modelo de confinamento, as explicações biológicas predominaram nas ações desenvolvidas pela instituição que estavam ancoradas nos valores cívicos de adestrar a raça com os recursos do controle, da vigilância e da disciplina, numa política de proteção à infância de caráter autoritário e intervencionista adotados pelo governo brasileiro a partir da década de 1930.

Imagem 24– Espaço em que as crianças brincavam no Educandário.

Fonte: Escola Estadual de E. F. M. Eunice Weaver.

Apesar do confinamento, os momentos de alegria se fizeram presentes nas experiências infantis. A participação nas brincadeiras permanecem nas memórias dos ex-internos como as agradáveis lembranças da infância segundo o trabalho de. Pacheco (2017).

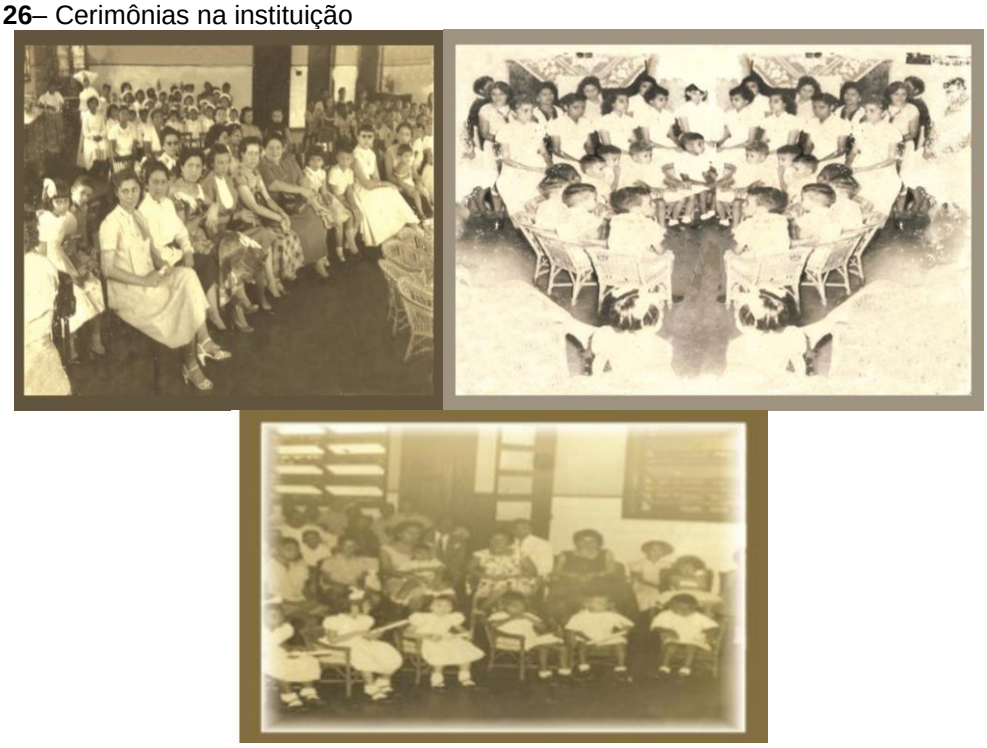
A administração interna do Educandário era de responsabilidade das freiras da congregação Filhas da Caridade São Vicente de Paulo. Estas se deslocaram do Ceará para Belém para auxiliar na manutenção da instituição, permanecendo na função até o início da década de 1990, período em que o espaço não abrigava mais os filhos de hansenianos. Abaixo temos um registro do investimento na formação religiosa das crianças do Educandário.

Imagem 25– Crianças do Educandário recebendo os ensinamentos religiosos, e visita de padres ao educandário.

Fonte: Arquivo da Escola E. de E.F.M. Eunice Weaver.

É importante destacar que o Educandário não recebia apenas crianças recém nascidas, mas crianças de todas as idades. Na imagem acima está registrada uma visita ou reunião de padres ao espaço do Educandário, com os padres sentados e as freiras de pé em volta da mesa.

Imagem 26– Cerimônias na instituição



Fonte: Arquivo da Escola E. de E.F.M. Eunice Weaver.

Nas imagens acima visualizamos celebração festiva ocorridas na instituição com a presença de visitantes externos, em que podemos perceber as crianças organizadas separadamente por sexo. As crianças estão organizadas ao fundo, com todos os meninos concentrados ao lado direito da foto e, as meninas do lado esquerdo. Vemos que as fotografias retratavam um modelo de crianças bem organizadas, educadas, comportadas, crianças que demonstram o modelo ideal de seres civilizados. As diferenças entre gerações são percebidas apenas pelas diferenças físicas entre adultos e crianças, pois, as crianças demonstram o futuro adulto civilizado que nelas se fazem presentes.

Imagem 27– Participação dos alunos nas cerimônias institucionais.

Fonte: Arquivo da Escola Estadual de E. F. M. Eunice Weaver

Nas lembranças da instituição, destacamos a singularidade das experiências, o registro da história vivida naquele espaço e tempo em que as recordações individuais, vão (re)constituindo a infância institucional. Um processo histórico, social e cultural ocorrido com um grupo de crianças que só pode ser visibilizado em decorrência dos registros de suas memórias. (PACHECO, 2017).

As imagens indicam a tendência à homogeneização das crianças, por meio do vestuário e dos cabelos de meninos e meninas. Apresenta crianças saudáveis, limpas, com os cabelos curtos para manter a higiene. As formas como estão sentadas, com os braços e pernas bem organizados e alinhados, demonstra que as crianças eram ensinadas a se comportarem nas cerimônias e que a instituição cumpria com os seus objetivos médicos, filantrópicos e educativos. As observações reforçam a organização por sexo e idade. Segundo entrevistas realizadas por Pacheco (2017), as crianças recebiam vestimentas específicas para os momentos festivos e cerimoniais que aconteciam com a presença de visitantes externos à instituição. A preocupação em demonstrar os cuidados e a educação que recebiam estão expressas nas imagens.

É possível perceber a preocupação com a maneira como as crianças eram apresentadas diante dos visitantes e da equipe da diretoria da Liga contra a lepra. A

disposição das pessoas no espaço são carregadas de significados e indicam o poder da Liga contra a lepra no controle da instituição. As freiras estão dispostas para manter a vigilância e controle das crianças, garantindo uma imagem positiva dos comportamentos infantis enquanto a autoridade externa as recebiam.

Imagem 28– Registro de jornais que noticiavam as dificuldades da instituição para se manter 1989.

Roubos e faltas de verbas atingem o Educandário Eunice Weaver

Internato necessita de maiores verbas

Seleção

A procura por vagas é muito grande, mas o estabelecimento só pode abrigar 60 crianças. Os critérios de seleção giram em torno das necessidades e dos locais onde os candidatos moram, dando-se preferência às crianças do bairro. Como a estadia dos menores no estabelecimento é gratuita, o educandário necessita de auxílio financeiro constante e substancial. Os convênios com a Fbesp e a LBA não são suficientes e o ideal, na opinião da irmã Ana Maria, seria que o estabelecimento contasse com ajuda contínua do governo.

Atualmente, o educandário oferece aulas de catequese e mini-marial a um grupo de crianças, de seis a 10 anos, que já fez a primeira comunhão.

As meninas internas voltam para as casas de origem nos finais de semana

A

B

Fonte: Hemeroteca CENTUR.

Com dificuldades financeiras para se manter a partir da década de 1980, mesmo com os esforços por parte de sua administração, o educandário aos poucos foi sendo abandonado, o que levou ao seu fechamento e à saída das freiras em 1992 e consequentemente, a posterior invasão de seu terreno até ser retomado pelo governo estadual para as instalações da escola homônima no ano de 1992.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As lembranças do educandário estão presentes na memória dos que, ainda vivos, recordam de seu funcionamento. Para que esta memória não se perca com a morte dessas pessoas, são necessárias iniciativas para se reconstruir e preservar as experiências vivenciadas naquela instituição, que remonta ao processo de construção social e cultural do estado do Pará, ressaltando o imaginário da época voltado à infância e políticas de saúde pública em perspectiva higienista.

A análise das imagens obtidas nos permite caracterizar e organizar a memória institucional segundo sua historia e temporalidade, observando padrões e preocupações políticas e médicas que definiram a construção não somente do espaço físico, mas também do imaginário social que marcou uma geração, e aos poucos foi caindo no esquecimento.

Dando ênfase à percepção da Arquivologia no tratamento de acervos fotográficos, a fotografia constitui um documento que traz em si a possibilidade depercepção das informações e relicário do recorte espaço e tempo nele contido. Ressaltamos neste trabalho a necessidade de se preservar a história institucional do Educandário Eunice Weaver, inclusive para que a comunidade escolar que hoje ocupa o espaço conheça sua trajetória e valorize os seus registros documentais. Nesse sentido, alerta-se a sociedade em geral para a importância da memória preservada, para que não se perca, e que os espaços sociais que hoje atendem a novas funções possam educar e reforçar o direito à vida, à saúde e liberdadenuma perspectiva de cidadania e de inclusão.

O Educandário surge em um momento histórico, em um tempo de mudanças, tempo de ciência, tempo de adoção e implantação de políticas públicas que refletissem o esforço do país em tornar se uma nação civilizada. E foi nesse tempo e espaço, de novos ideários e modelos civilizatórios a serem seguidos, que o isolamento de doentes trouxe ao campo das políticas públicas brasileiras, nas primeiras décadas do século XX, propostas de renovação, desenvolvimento e progresso, baseadas na regeneração da raça. Nesse processo de mudanças, a preocupação com as crianças que não possuíam hanseníase ganhou dimensões e proporções médico-políticas tornando-as extremistas. Onde de um lado fica claro nos discursos políticos sobre a criança como futuro da nação, e nas prescrições de

proteção e cuidado que envolvia a defesa do isolamento. E na outra ponta, temos corpos que foram vistos como vulnerável ao contágio da doença quando suas vivências na instituição foram atravessadas por violência física e psicológica, e, pelo exercício do controle e poder sobre os seus corpos de forma exacerbada.

Percebemos que as vivências de infância em dada sociedade são influenciadas pelos valores, pelos acontecimentos, pelo poder que emerge de grupos que determinam a organização, reforçar o potencial de memória não só do educandário, mas de políticas pública de saúde para Belém no século XX.

Assim, propomos a discussão da preservação das fotografias enquanto documentos arquivísticos, tratando essas fotografias segundo classificação temporal e cuidados físicos necessários, bem como a não dissociação de seu contexto histórico, para a preservação da memória institucional do educandário Eunice Waever.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Vera Lúcia Cortes. **Imagens produzidas pelo fotógrafo TiborJablonsky: suportes materiais na construção da memória do trabalho no Brasil (1950 -1968).** ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, v. 12, 2006.

BARTHES, Roland. O óbvio e o obtuso. **Rio de Janeiro**: Nova Fronteira, 1990.v. 1982.

BELLOTTO, H. L.. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BRASIL. **Lei nº 5.869**, de 11 de janeiro de 1973. Institui o Código de Processo Civil. Disponível em:
https://www2.camara.leg.br › legin › fed › lei › lei-5869-11-janeiro-1973-3.
Acesso em: 4 dez. 2014.

BOCCATO, Vera Regina Casari; FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. Discutindo a análise documental de fotografias: uma síntese bibliográfica. **Cadernos Bad**, n. 2, 2006.

COSTA, I.T.M. **Memória institucional: a construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica.** Tese (Ciência da Informação). Rio de Janeiro: UFRJ/ECO; CNPq/IBICT, 1997.

DE AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier. Informação e memória: as relaçõesnapesquisa. **RevistaEletrônicaHistóriaemReflexão**, v. 1, n. 2, 2007.

EDMONDSON, Ray. Uma filosofia de arquivos audiovisuais. **Cadernos BAD**, n. 1, 2001.

FELIPE, Carla Beatriz Marues; PINHO Fábio Assis. Fotografia como dispositivo da memória institucional; **Filosofia da informação**, Rio de Janeiro, v. 5 n. 1, p. 89-101, set./fev. 2018;2019.

FONTELLES, Mauro José *et al*. Metodologia da pesquisa científica: diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa. **RevistaParaense de Medicina**, v. 23, n. 3, p. 1-8, 2009.

GIL, Antônio Carlos. Como classificar as pesquisas. **Como elaborar projetos de pesquisa**, v. 4, p. 44-45, 2002.

KOSSOY, Boris. **Fotografia&história**.Ateliê Editorial, 2001.

LAKATOS, Eva Maria;MARRCONI, Maria de Andrade**Fundamentos da metodologia cientifica**.5. ed. São Paulo : Atlas 2003.

LOPEZ, A. Utilização de documentos imagéticos na pesquisa em História. **Introduçãoaoestudo da História**, 2005.p. 71-78.

MANINI, Miriam Paula. **Análise documentária de fotografias**: um referencial de leitura de imagens fotográficas para fins documentários. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002.

MANINI, Miriam Paula e*t al*. **A fotografia como registro e como documento de arquivo**. Gestão em Arquivologia: abordagens múltiplas. Londrina: EDUEL, 2008.v. 1. p. 102-161.

MOLINA, Letícia Gorri; SANTOS, Juliana Cardoso. **Documento e memória:** "Locus de memória institucional. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DA REDE MUSSI, 3., 2014, Salvador. Anais... Salvador: Rede Mussi, 2014. Disponível em: http://www.coloquiomussi.ici.ufba.br/ . Acesso em: 21. outubro 2019.
.

OLIVEIRA, Marlene de. **Memória institucional da Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação (ABECIN).** 2012. 152 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão da Informação) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2012. Disponível em: http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/article/view/14594. Acesso em: 21. outubro 2019.

PACHECO, Tatiana do Socorro Corrêa *et al*. **Infância, crianças e experiências educativas no Educandário Eunice Weaver em Belém do Pará** (1942-1980). 2017.

PAES, Marilena Leite. **Arquivo:** teoria e prática. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.5, n. 10, p. 200-212, 1992.

RODRIGUES, R. C. **Análise e tematização da imagem fotográfica**. Ciência da Informação, v. 36, n. 3, p. 67-76. set./dez. 2007.

ROUILLÉ, André. **A fotografia**: entre documento e arte contemporânea. São Paulo:SENAC, 2009.

SANTANA, Luiz Antonio. **Documentos audiovisuais no Brasil**: trajetória, institucionalização e novas perspectivas. 2019.

SANTOS, Ana Cláudia de Araújo. **Aspectos memoriais existentes nos retratos dos reitores da Universidade do Recife**. 2014. 271 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

SARAIVA, Natália de Lima; PEREIRA, Tânia Maria de Moura; LOPEZ, André Porto Ancona. Images and sensations: An Access to Information on Photographic Archives. **RevistaInteramericana de Bibliotecología**, v. 40, n. 3, p. 261-271, 2017.

SILVA, Fernanda Souza da.**Fotografia**: uma perspectiva arquivística. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização)-Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2013.